
Pessoa & Camões

Pessoa & Camões

Isabel Almeida

Faculdade de Letras | Universidade de Lisboa

Centro de Estudos Clássicos

À memória de Fernando Martinho e de Alexei Bueno

DOI:

<https://doi.org/10.37508/rcl.2026.nEsp.a1496>

RESUMO

Procura-se explorar a relação que Fernando Pessoa ortónimo estabeleceu com a obra e a figura de Camões épico. Atende-se ao caminho de Pessoa-crítico e à produção de *Mensagem*. Contemplar a trajectória pessoana, de c. 1910 (isto é, data da primeira versão de *Portugal*) a 1934, além de estimular a discussão acerca da “angústia da influência”, permite ver melhor *Camões sem fim*.

PALAVRAS-CHAVE: Pessoa; Camões; poesia; influência.

ABSTRACT

The aim is to explore the relationship that Fernando Pessoa, orthonym, established with the work and figure of Camões as an epic poet. On the one hand, attention is given to Pessoa as a literary critic; on the other, to his poetic production. Examining Pessoa’s intellectual and poetic trajectory, from c. 1910 (when he prepared the first version of *Portugal*) to 1934, besides stimulating reflection on the “anxiety of influence,” also allows us to gain a deeper understanding of the inexhaustible Camões.

KEYWORDS: Pessoa; Camões; poetry; influence.

SEM FIM

Camões fala-nos do tempo devorador, “o Velho que os filhos próprios come” (*Lus.*, III, 22, 5); fala-nos da morte “cega” (1994, p. 159) ou do “rio / Do negro esquecimento e eterno sono” (*Lus.*, X, 9, 5-6) como o absoluto do nosso precário mundo em desconcerto. Porquê chamar *sem fim* a quem tanto canta a finitude?

Se apelidamos de *infinito* o que, imenso e perpétuo, escapa à lei de Chronos saturnino; se, com humana licença, deste modo designamos o que a vista ou a razão não alcançam, *sem fim* é também o inconcluso, livre de termos ou limites. Alguns exemplos¹: esculturas *in fieri*, de Miguel Ângelo (a ideia a ganhar corpo, a matéria simples buscando a forma); pintura de *El Greco*, em cuja *maneira* avulta a recusa da minúcia mimética, precisa e fechada; a misteriosa suspensão que acentua o fascínio da narrativa urdida por Bernardim Ribeiro em *Menina e Moça*; ou, na despedida d’*Os Lusíadas*, o aflorar do seu eventual prosseguimento.

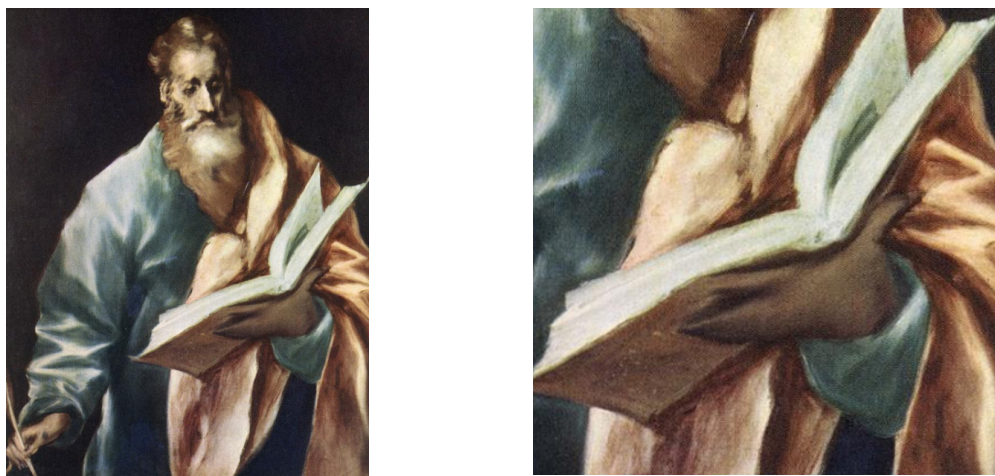
Figura 1 – Miguel Ângelo, *Escravos* (séc. XVI).



Fonte: Galleria dell'Accademia, Florença.

¹ Agustina Bessa-Luís lembrou alguns destes exemplos para ilustrar a “teoria do inacabado” na arte e na literatura quinhentistas (Bessa-Luís, 2000, p. 77-93).

Figura 2 – El Greco, *Apóstolo S. Mateus* (séc. XVII).



Fonte: Museu El Greco, Toledo.

A questão desdobra-se, porém. Basta recordar a agudeza atribuída ao “Conde da Idanha”, sobre a epopeia de Camões. “[P]reguntando(-lhe) o Autor se achara muitas faltas no seu livro, respõdeo hũa achei muy notavel, que foy não no fazeres taõ pequeno que o pudesse-mos decorar logo, ou tão grande que o naõ pudesse-mos acabar de ler nunca” (Crasbeeck, 1626, dedicatória). Tão grande que o não pudéssemos acabar de ler nunca? Entenda-se: objecto de um multissecular processo de recepção inserido no funcionamento do sistema literário ou dele indissociável (Even-Zohar, 1990, p. 9-44).

Raras vozes se ergueram contra esta corrente, fosse apontando erros ao poeta, fosse reclamando a sua superação; dessas vozes, amiúde envolvidas em polémica e ostracizadas, sobram raras notícias. Impressiona, pois, o caso de Fernando Pessoa. São famosos os anúncios em que o jovem (e estreante) colaborador da revista *A Águia*, “*Orgão da Renascença Portuguesa*”, vaticinou o surgimento de um “supra-Camões” (Pessoa, 1912d, p. 107) apto a destronar o *príncipe* consagrado, mas aquém e além desse marco estende-se uma trajetória

que importa percorrer. “Não evoluo, VIAJO” – frisou Pessoa (1999b, p. 350).² Ao olhá-lo de c. 1910 a 1934, vemos melhor Camões *sem fim*.

CAMINHO TRABALHOSO

A informação disponível ilumina a relação entre os dois gigantes.³ Todavia, vale a pena revisitar o campo já explorado. São muitos os passos de Pessoa em volta de Camões: reconhecemo-los na prática criativa, *maxime* no projecto *Portugal*, que remonta a 1910, e na sua metamorfose em *Mensagem*⁴; detectamo-los em comentários, a partir de 1912. Da génese de *Portugal* à *editio princeps* de *Mensagem* (1934), o caminho agrega um longo trabalho de experiência e maturação poética⁵ a uma persistente e audaz actividade crítica.

Comecemos por aí. Tal como Dante na *Divina Commedia* afectara um tom enigmático ao profetizar o triunfo sobre seus pares⁶, Pessoa apregoou, sibilino, em “A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada” (1912d), que um “grande Poeta” não tardaria a destacar-se e a provocar estupendas mudanças: “deslocará para segundo plano a figura, até agora primacial, de Camões.” (Pessoa, 1912d, p.

² Carta a Adolfo Casais Monteiro, 20 de janeiro de 1935.

³ Recorde-se, por exemplo, o minudente estudo de Rodrigo Xavier (2025, p. 232-259).

⁴ Sobre a formação de *Mensagem*, ver o estudo introdutório de Jerónimo Pizarro (Pessoa, 2020, p. 13-34). Acerca da escolha do título definitivo da obra, ver Pittella e Pizarro (2017, p. 147-151).

⁵ Veja-se a cronologia da redacção dos poemas proposta por Pizarro, em *Mensagem* (Pessoa, 2020, p. 26-30).

⁶ Dante escreve sobre a “vana gloria de l’umane posse”: “Credette Cimabue ne la pittura / tener lo campo, e ora ha Giotto il grido, / sì che la fama di colui è scura. / Così ha tolto l’uno a l’altro Guido / la gloria della lingua; e forse è nato / chi l’uno e l’altro caccerà del nido.” (Alighieri, 2021, p. 434). Trata-se de versos do “Purgatorio” (XI, 94-99).

106). “Episódios [...] da [...] adolescência intelectual” (Pessoa, 1999b, p. 85⁷)? Golpe “publicitário” (Pessoa, 1928, p. 250)? Sem o impacto de uma “bomba”⁸, o alvitre desencadeou “irritação” (Pessoa, 1928, p. 250) e escândalo.⁹ A 24 de abril (mas com data da véspera), saiu anónima uma “Carta de Coimbra” no monárquico jornal *O Dia*, deplorando quer as “afirmações demasiado arrojadas” quer as “conclusões erroneas” do “articulista” (Carta [...], 1912, p. 1); e, a 16 de setembro, na resposta ao “Inquérito á vida literária” então promovido pelo jornal *Republica*¹⁰, Adolfo Coelho aproveitou a oportunidade para zurzir o ex-aluno, menosprezando a “megalomania” dos “novísimos” e classificando-os de “inferiores aos melhores, pelo menos, do período anterior” (Coelho, 1912, p. 1-2). Pessoa não se intimidou: arguiu a “Carta” anónima, em *A Águia* de maio de 1912 (Pessoa, 1912e¹¹), e lançou – misto de desassombro e insolência – “Uma Réplica ao snr. dr. Adolfo Coelho” (*Republica*, 21 de setembro de 1912) (Serrão, 2014, p. 112-120). Só não terá reagido ao folheto *Rompendo fogo...* (*A Renas-*

⁷ Carta a Francisco Costa, 10 de agosto de 1925.

⁸ Em 1935, Pessoa, já uma figura conhecida, escreveu um artigo, contestando a interdição de organizações secretas, como a Maçonaria. Foi atacado e respondeu: “pela primeira vez na minha vida fabriqueei uma bomba. Cerquei o seu dynamite de verdade com um envulcro de raciocínio; puz-lhe um rastilho de humorismo. Feita, atirei-a aos oppositores da Maçonaria. E o effeito foi não só retumbante mas milagroso. Perderam a cabeça sem a ter” (*apud* Pittella; Pizarro, 2017, p. 115).

⁹ Provavelmente em 1915 ou 1916, Pessoa escreveu, numa carta que ficou inacabada: “Houve tempo em que a Águia pouco mais teve com que caminhar nas bocas do mundo do que o ‘Super-Camões’ [...]” (Pessoa, 2014, p. 175).

¹⁰ Sobre o “Inquérito Literário”, ver o verbete de Fernando Cabral Martins (2008, p. 357).

¹¹ Na versão dactiloscrita, o título que acabou rasurado era “Correcto e augmentado” (Pessoa, BNP/E3, 103-21).

cença e o Inquérito), com o qual, de “Coimbra – Novembro de 1912”, também o amigo Garcia Pulido interveio a censurá-lo.¹²

A discussão acerca do *lugar* de Camões inflamava o debate acerca da Renascença Portuguesa e do rumo editorial d’*A Águia*. Não é despidendo que o número de junho abrisse com três textos evocativos do poeta – textos de Pascoais, António Nobre e Jaime Cortesão, coligidos em jeito de homenagem. Teixeira de Pascoaes reiterava:

Camões é uma divindade portuguesa; a Divindade tutelar da nossa Patria. Portugal tem vivido á sombra do épico imortal: é o unico paiz cuja autonomia se tem firmado sobre o nome d’um Poeta. [...] Os *Luziadas* são os Evangelhos do Mar. O Mar é o nosso Livro d’Orações. Lêr os *Luziadas* é resar o Mar... (Pascoaes, 1912, p. 173).

Fiel ao cânone estabelecido; professado pelo director literário da revista, este credo devia ser interpretado como um sinal de paz? *A Águia* acolheu, de setembro a dezembro, mais capítulos do contro-verso ensaio de Pessoa e a obstinada defesa das suas teses (“A nova poesia portuguesa no seu aspecto psychologico”; Pessoa, 1912a, 1912b, 1912c). Contudo, “o raciocinador” terá compreendido (ou sido persuadido a compreender) que necessitava de parar. Agastado, não o escondeu numa última e ácida nota de rodapé:

por inutil para as conclusões sociologicas que unicamente buscamos n’esta serie de artigos, abandonamos a intenção de fazer o estudo exclusivamente literario da nova corrente poetica por-

¹² O folheto endereçado a Pessoa, com morada na rua Passos Manuel, 24, 3.º E, conserva-se, sem qualquer marca de leitura, na biblioteca do poeta (CFP 8-457; <https://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt.>).

tuagueza, estudo esse promettido no principio d'este artigo. Ninguém perde com isso (Pessoa, 1912c, p. 192).¹³

Papéis de c. 1913 guardam esboços nos quais o estatuto de Camões constitui alvo de escrutínio – em privado. Pessoa nunca leva a cabo a promessa de uma análise exaustiva do assunto, “de leste a oeste” (Pessoa, BNP/E3, 14B-51): soma “apontamentos” (Pessoa, 1999a, p. 79), principia artigos (*v.g.*, “Camões, e a superstição camoneana”; Pessoa, BNP/E3, 14B-51-52v.). Numa carta a Álvaro Pinto, confessa “desalento” e explica ter-se absterido de avançar num texto que se tornara, “por um excesso de crítica, impróprio para um número comemorativo de Camões” (Pessoa, 1999a, p. 96).¹⁴ Talvez este...

Luiz de Camões, poeta, antes de ser Luiz de Camões, poeta, já era Luiz de Camões poeta.

Quer isto dizer, mais em humano, que antes de ser conhecido como poeta já Luiz de Camões era o poeta que era.

E isto, agora explicito já ante a pristina desorientação do leitor, vem a propósito de ser esta revista uma revista de novos, entre os quaes pode ser que se encontre um simili-Luiz de Camões.

O que é sempre bom notar que é (*sic*) que um individuo conhecido, antes de ser conhecido era desconhecido. Tanta gente esquece isto que é bom fazer *clepsydra* d'esta afirmação (Pessoa, BNP/E3, 14B-47).¹⁵

¹³ Ver, a este respeito, o verbete de Paulo Motta Oliveira, “Águia, A” (Oliveira, 2008, p. 29).

¹⁴ Carta a Álvaro Pinto, 13 de junho de 1913.

¹⁵ Pauly Ellen Bothe (2013, p. 89) admite tratar-se de um artigo destinado à revista *A Águia*, lembrando a carta a Álvaro Pinto indicada na nota anterior. De facto, o número de junho de 1913 reúne textos e iconografia que indicam especial atenção a Camões.

Como sair do impasse? Uma solução (provisória) seria adotada em 1914. Convidado pelo jornal *Republica* (Pessoa, 1914) a eleger “o mais belo livro” português das décadas recentes, Pessoa não cumulo apenas de elogios a *Pátria* de Guerra Junqueiro; extravasando, sentenciou:

[...] chamo a atenção das pessoas criticamente competentes (a sua existencia entre nós é uma hipotese da minha delicadeza) para o facto evidente de que a *Pátria* de Junqueiro é, não só a maior obra dos ultimos trinta anos, mas a obra capital do que há até agora de nossa literatura. *Os Lusíadas* ocupam honradamente o segundo lugar (Pessoa, 1914, p. 1).

Hábil, o “Escritor, crítico de arte”¹⁶, esquivava-se às suspeitas de megalomania, enquanto mantinha a convicção exibida n’*A Águia*.¹⁷ Tacticamente, concedia a Camões alguma vantagem, mas perseverava no aviso nuclear: “se os *Lusiadas* vencem na sobria solenidade da sua linha estrutural, a *Pátria* compensa-o com a sua superioridade no que simples poesia e pura fórmula” (Pessoa, 1914, p. 1). Garantida com retórica brandura essa hierarquia, não custava esgrimir argumentos a favor da “poesia superlirica moderna”: “perfeita organicidade e construção”, “unificação e integralização dos complexísimos elementos componentes”, “poder puramente visionador e imaginativo”, “elevação, intensidade e complexidade do sentimento patriótico e religioso” (Pessoa, 1914, p. 1).

¹⁶ Pessoa é assim identificado no jornal. Sobre a formação de uma imagem de Pessoa na imprensa, ver Guimarães (1988, p. 59-66).

¹⁷ Pessoa refere-se igualmente a Guerra Junqueiro como “the greatest of all Portuguese poets (he drove Camoens from the first place when he published *Pátria* in 1896 [...])”, numa carta datável de 1916 (Ver Pessoa, [19--b], p. 129).

O tema havia de regressar à “arena” (Pessoa, BNP/E3, 14B-52), finda a vertiginosa aventura de *Orpheu* e composto “Mar Portuguese”. Um ano depois de, em *Contemporanea*, ter publicado estes doze poemas¹⁸, Pessoa substituiu, na *Revista Portuguesa* (Martins, 1923), o incondicional aplauso ao drama de Junqueiro pela exaltação de uma supra-camoniana obra vindoura. Decidido a recuperar o espírito alvissareiro de 1912, encarecia a espera e glosava, frase após frase, como um *leitmotiv*, o fecundo significado da falta:

o nosso unico periodo de creação foi dedicado a crear um mundo. Não tivemos tempo para pensar nisso. O proprio Camões não foi mais que o que esqueceu fazer. *Os Lusíadas* é grande, mas nunca se escreveu a valer. Litterariamente, o passado de Portugal está no futuro. O Infante, Albuquerque e os outros semi-deuses da nossa gloria esperam ainda o seu cantor. Este poderá não fallar d’elles; basta que os valha em seu canto, e fallará d’elles. Camões estava muito perto para poder sonhal-os. Nas faldas do Himalaya o Himalaya é só as faldas do Himalaya. É na distancia, ou na memoria, ou na imaginação que o Himalaya é da sua altura, ou talvez um pouco mais alto. Ha só um periodo de creação na nossa historia litteraria: não chegou ainda (Martins, 1923, p. 20-21).

Logo adiante, em 1924, no *Diario de Lisboa*, advogava opinião idêntica. Seria Pessoa um dos que ali brilhavam pela “graça sedutora e paradoxal”? O apelo do vespertino, nesse ano comemorativo, era nítido e traçava um programa, aliás graficamente enfatizado: “desejariamos que todos os poetas portugueses, cuja sinceridade de ins-

¹⁸ “Mar Portuguese”, conjunto que, com variantes, viria a ser incorporado em *Mensagem*, englobava textos cuja datação se estende de 1918 a 1922: “O Infante”, “Horizonte”, “Padrão”, “O Morcego”, “Epitaphio de Bartholomeu Dias”, “Ironia”, “Os Descobridores do Occidente”, “Dança dos Titans”, “Ascensão de Vasco da Gama”, “Mar Portuguese”, “A Ultima Nau”, “Prece”.

piração tenha sido posta á prova, aqui viessem hoje engrinaldar de flôres, as flôres do seu sentimento, a lembrança magestosa e romantica de Camões”.¹⁹

Figura 3 – Programa anunciado no Diario de Lisboa.



Fonte: *Diario de Lisboa*, 4.2.1924, p. 3.

Ao arrepio dos louvores dominantes, porém, e isento do frenesim futurista de António Ferro (no estilo de Marinetti, Ferro dizia-se “um homem que não tem tempo de ser passado” – 1924, p. 12), o contributo pessoano consistiu numa breve dissertação sobre *Os Lusíadas*, conferindo-lhes, por carecerem na sua fábula do “Além pagão do Cristismo”, uma posição na “segunda ordem das epopeias”, a par de *Orlando Furioso*, da *Jerusalém libertada* e de *Faerie Queene*, bem como da *Odisseia* e da *Eneida*. À primeira categoria pertenceriam a *Ilíada* homérica, a *Divina Comédia*, de Dante, e o *Paraíso Perdido*, de Milton. Camões, “o unico épico que foi lirico ao sel-o”, encarnava a imperfeição que urgia vencer:

¹⁹ As citações vêm do editorial, não assinado, com título “Patria imortal! Luiz de Camões glorificado pelos poetas da nossa terra” (Patria [...], 1924, p. 3).

resta dizer, de Camões, que não chegou para o que foi. Grande como é, não passou do esboço de si próprio. Os sobrehomens da nossa glória constelada – o Infante e Albuquerque mais que todos – não cabem no que ele podia abarcar. A epopeia que Camões escreveu pede que aguardemos a epopeia que ele não pôde escrever. A maior coisa nele é o não ser grande bastante para os semi-deuses que celebrou (Pessoa, 1924, p. 3).

No âmbito do Modernismo, como demonstrou Rita Patrício (2012, p. 188-195), este é um problema nevrálgico. Caberia aos “novos” tocar a inteireza, converter esboços em realizações plenas? A ambição de ser um supra-Camões dinamiza o pensamento de Pessoa, obriga-o a reflectir sobre o universo literário, passado, presente e futuro, equacionando e reequacionando relações e possibilidades.

Há que sondar essa tenaz demanda, quase secreta, esparsa em testemunhos que o autor deixou inéditos. Por um lado, num nível meta-histórico, Pessoa valoriza uma sequência de génios – Homero, Dante, Shakespeare, Milton... Por outro, não resiste a quebrar essa cadeia e a pôr em confronto os seus elementos, como peças de um xadrez, sujeitando-os a instável avaliação. Shakespeare, por exemplo, não é sempre “o maior poeta de todos os tempos” (Pessoa, 1999b, p. 84). Acontece perder este título e ganhar o de “maior *expressor*” (Pessoa, 1999b, p. 84).²⁰ Em contrapartida, embora abaixo de Homero, Dante ou Milton, Camões emerge pela perícia “construtiva”:

um Homero, um Dante, um Milton, como, em grande porém menor grau, um Camões, são é certo mais *limitados* que Shakespeare no que exprimem, são, mais certamente ainda, menos profun-

²⁰ Carta a Francisco Costa, 10 de agosto de 1925. Sobre a relação com Shakespeare, ver Patrício (2009, p. 83-99).

dos na expressão; são, porém, mais complexos, porque exprimem construindo, architectando, estruturando, e Shakespeare – patentemente um precipitado e um impaciente – é naturalmente falho de qualidades de complexidade construtiva (Pessoa, 1999b, p. 85).²¹

A mera competência “construtiva”, porém, não contenta Pessoa, que destrinça três “espécies” de poetas épicos (“de imaginação”, “de fantasia” e de “sentimento”), insistindo que há terceira espécie “porque Camões existe, porque elle é o unico na sua” (Pessoa, BNP/E3 14B-49):

poetas patrioticos – tem havido muitos e varios. Poeta do patriotismo ha só Camões. De seu natural falho de imaginação, mediocremente intelligente (nem subtil, nem profundo), minimamente constructivo e coordenado, tudo isso – imaginação, intelligencia, construção – lhe surge e lhe é dado pela violencia e desvario com que sente o amôr da patria.

Os Lusíadas não é um dos grandes poemas epicos do mundo. Faltam ao seu autor qualidades (as maximas, sobretudo) do puro-artista para o fazer attingir maximidades e extremos. Mas é, de entre as epopeias todas a mais milagrosamente epopeica. Porque a sua base é lyrica, não epopaica (Pessoa, BNP/E3, 14B-48).

O “ponto capital”, a medida da “grandeza de Camões” e da sua epopeia, não sofre contestação: “é a única [...] *construida sentimentalmente*. N’isto reside o seu valôr extraordinario. É lyrismo que sahiu para fôra do ser lyrico.” “Realmente ha só Camões poeta lyrico e esse Camões poeta lyrico é maximo quando é C[amões] poeta epico” (Pessoa, BNP/E3 14B-48v-49). Repare-se: Pessoa estimava n’*Os Lusíadas*, c. 1912, o que exacerbava no *Portugal* fragmentário de 1910,

²¹ Carta a Francisco Costa, 10 de agosto de 1925.

isto é, falava da sua própria obra ao falar de Camões. Agradava-lhe a *construção sentimental*, mas temia-a desequilibrada: “Camões nem pensa, nem pensa o que sente: sente e sente fortemente – e eis tudo.” (Pessoa, BNP/E3 14B-46). O caminho estava por fazer.

Atento à majestade e aos “graus dos poetas” (Pessoa, BNP/E3, 14¹-50-50a), Pessoa contemplou obsidiantemente aquele que reputava “estrel[a] meno[r]” (BNP/E3, 14²-4), “destituído do sublime intelectual da ideia” (BNP/E3, 14C-85) mas possuidor do “epic fire” (BNP/E3, 14¹-91) e do “sublime do sentimento” (BNP/E3, 14C-85). Apesar de repetir que “[...] a construção e amplitude do poema épico, tem-as Milton [...], em maior grau” (Pessoa, 1982, p. 82), era-lhe caro “o *único épico que foi lírico ao sel-o*” (Pessoa, 1924, p. 3): uma referência crucial para atingir a diferença sonhada, a aliança de “head” e “heart” (BNP/E3, 14C-64v) que apocalipticamente sintetizou como “the fusing of all poetry, lyric, epic and dramatic, into something beyond all these” (Centeno, 1985a, p. 82).

Votado a essa descoberta ou a essa alquimia (como ser épico sendo lírico?), guiado por um fervoroso nacionalismo, Pessoa subiu até a cotação d’*Os Lusíadas*:

Camoens presents in the psychology of his verse the better elements of the Portuguese character: bold and not fierce, more sentimental than religious and religious largely (because) sentimental, sensual yet capable of pure, deep love – at bottom sad and full of longings as the of his race (Pessoa, BNP/E3 14B-53; Bothe, 2013, p. 89).

O esoterismo (Centeno, 1985b, p. 69-78; Marrone, 2025) concorreria, outrossim, para este incremento. Em 1928, por ocasião da oferta de um exemplar da edição “nacional” da epopeia à Academia Brasileira de Letras, Fernando Pessoa asseverava:

o poeta Affonso Lopes-Vieira, sebastianista quer o queira, quer não, vae levar ao Brasil um poema claro que é uma carta escura – uma carta cifrada cuja decifração não haverá muitos que façam – nem o que a envia, nem o que a recebe, nem porventura o que a transmite (Lopes, 1993, p. 234).

INVENÇÃO DE SUTIL JUÍZO

Surpreenderá que, epistolarmente conversando com João Gaspar Simões, a 11 de dezembro de 1931, Pessoa reivindicasse a impermeabilidade da sua obra em face da camoniana? Nas palavras, é categórico:

uma grande admiração não implica uma grande influência, ou, até, qualquer influência. Tenho uma grande admiração por Camões (o épico, não o lírico), mas não sei de elemento algum camoniano que tenha tido influência em mim, influenciável como sou. [...] É que o que Camões me poderia *ensinar*, já me fora *ensinado* por outros. (Pessoa, 1982, p. 81).²²

Em abono do depoimento, havia factos biográficos (Zenith, 2022, p. 153-170). Uma vez que residira e estudara na África do Sul entre 1896-1901 e 1902-1905, era verosímil que o contacto com “outros” precedesse a leitura de Camões, mas a negação, por Pessoa, de qualquer influência, numa missiva aplicada a refrear o zelo com que Gaspar Simões, *circumnavegando-o*, se atrevera a psicanalisá-lo, sugere a “angústia” que Harold Bloom julgou típica do “ciclo vital do poeta-enquanto-poeta” (Bloom, 1991, p. 19).

Tesouros do espólio conservado na Biblioteca Nacional de Portugal dão alento a esta conjectura. Graças a uma equipa de investigadores,

²² Muito cedo, Pessoa afirmava “I have nothing to learn” (Pessoa, [19--a], p. 27). Em 1914, arrolou “Influências”. Para os anos de “1909-1911”, indicou somente “Os simbolistas franceses. Camilo Pessanha.” (Pessoa, 2014, p. 150).

entre os quais Jerónimo Pizarro, sabemos que em 1910, muito cáustico perante a crise que precipitaria a queda do regime monárquico, Pessoa se entregou à preparação de um poema baptizado com o nome da “patria de Gama e de Camões” (Barbosa *et al.*, 2020, p. 144).²³ Um poema em oitava rima e calculado para seis cantos, no qual o vate quinhentista era apaixonadamente enaltecido (“Oh mais nobre de todos corações / Oh coração ardente de Camões!” – Barbosa *et al.*, 2020, p. 93). À margem de algumas estrofes, Pessoa anotou: “Imit[ação] Lus[íadas]”. Repare-se nessas estâncias:

Dae-me agora uma voz tremenda e vasta
De rouca e desolada maldição
Para dar forma á dor que ora devasta
O meu velho e cançado coração
Voz da dôr e do horror que não se engasta
No ano da illusão.
Perdida já ao ver os filhos meus
Vender a honra, o mór dos meus tropheus.

Dae-me só uma voz aspera e rouca,
A voz das grandes dôres que enlouquecem
E que a palavra, debil sempre apouca
A quem o termo falta e a quem esquecem
Os conceitos febris que a mostrem louca
Nas palavras que as dores não aquecem
D'alma que soffre, que a palavra fica
Aquém da dôr sempre mais d'ella rica.

²³ Agradeço a Pedro Sepúlveda ter chamado a minha atenção para este trabalho.

Dá-me pois que a alguns o verbo rude
Da minha inspiração pouca e cansada
Chegue e compreendam, sem que o engenho estude
A arte dura da forma alevantada.
Dá-me que a colera impotente escude
N'uma forma viril que a desgraçada
Alma minha não perca na tristeza
O echo firme da grandeza.
(Barbosa *et al.*, 2020, p. 114-115).

A biblioteca particular do autor não fornece pistas elucidativas a este respeito, mas é óbvio que só a familiaridade com *Os Lusíadas* sustentaria o ágil cruzamento observável nos versos transcritos. Camões invoca as Ninfas do Tejo (“Dai-me agora um som alto e sublimado” – *Lus.*, I, 4, 5...; “Dai-me ãa fúria grande e sonora, / [...] de tuba canora e belicosa, / Que o peito acende e a cor ao gesto muda”... – *Lus.*, I, 5, 1-4)? Pessoa decalca a anáfora, mas altera o pedido, pronto a perfilhar o *pathos* de indignação que tolda o Canto VII da epopeia, isto é, emula o próprio Camões, que acusa, irónico, os “senhores” ingratos e renova às Ninfas a desenganada súplica de um sopro divino que lhe anime o discurso (“Dai-mo vós sós, que eu tenho já jurado / Que não no empregue em quem o não mereça.” – *Lus.*, VII, 83, 5-6). É nessa raiva que Pessoa se revê, bem como nas meditações inquietas do derradeiro canto d’*Os Lusíadas* (X, 8-9; 145). Ambos os poetas mergulham na tristeza para a esconjurar.

À semelhança de Camões, Pessoa insurge-se contra o “jugo castelhano” (Barbosa *et al.*, 2020, p. 106, p. 186) e lamenta “o somno ignobil, de ou dama”, crendo-o incompatível com os “Heroes d’Africa e d’Asia” (Barbosa *et al.*, 2020, p. 100). Detalhe curioso: num salto, a “melodia do [...] canto” celebra o Marquês de Pombal, e Pessoa compraz-se em registar – “Cont(inuação) *Lus(íadas)*” (Barbosa *et al.*, 2020, p. 116-117). Por esta altura, a influência não gerava incómodo.

Ao invés, nos antípodas da franca sintonia alardeada no *Portugal* de 1910, *Mensagem* parece apagar *Os Lusíadas* e Camões. Eduardo Lourenço estranhou a exclusão do poeta da “galeria dos heróis-mitos ou dos mitos-heróis da nova Epopeia” (Lourenço, 1983, p. 249). Fernando Martinho foi sensível à entronização de Vieira – “imperador da língua portuguesa” (Pessoa, 2020, p. 110) –, percebendo nesse gesto um indirecto modo de apejar *o príncipe* do seu pódio simbólico (Martinho, 2008, p. 833). Ora, Pessoa não menciona nem coroa Camões, mas aproxima-se dele, e com tal intensidade que a omissão adquire – concordaram, *v.g.*, Eduardo Lourenço, Cleonice Berardinelli ou Helder Macedo (2020, p. 348-349) – um efeito de estruturante presença.

Se Pessoa foi mestre a “assegurar a legibilidade da sua obra” (Feijó, 2015, p. 19), arquitectou *Mensagem* incentivando a comparação com *Os Lusíadas*. Eduardo Lourenço captou “vocabulário camoniano” “magistralmente disperso e integrado no texto”; reconheceu “transfigurados os seus mitos fundamentais, Adamastor e Velho do Restelo, com a significativa rasura da Ilha dos Amores” (Lourenço, 1983, p. 258). Cleonice Berardinelli achou razões para ampliar metodicamente essa pesquisa (Berardinelli, 2000, p. 123-148), que não menos atraiu Machado Pires (1981, p. 43-51), Maria de Lourdes Belchior (1981, p. 3-8), Jacinto do Prado Coelho (1983, p. 105-110), Américo da Costa Raimalho (1992, p. 187-197), António Apolinário Lourenço (2012, p. 559-565) ... Num balanço geral, ressalta o que Harold Bloom definiu como *clinamen*: o “desvio” de *Mensagem* em relação ao “poema precursor” (Bloom, 1991, p. 25).

O “desvio”, compreendemo-lo melhor tendo em conta também *Portugal* (1910). Essa triangulação ajuda a identificar padrões e a distinguir, em diacronia, movimentos de Pessoa: o que preferiu, o que preteriu. Chegar à solene dignidade de *Mensagem* exigiu-lhe um drástico afastamento das suas opções inaugurais: banir a linguagem

indecorosa empregue em 1910, eco de sátiras de Juvenal e de vitupérios dantescos ou junqueirianos; eliminar o tumulto da emoção e abafar, em surdina, a voz do poeta, numa contenção cerebral e hierática. Não à toa, se o “livro” escrito “à beira-magua” (Pessoa, 2020, p. 111) absorve, com uma exceção, o conjunto “Mar Portuguez”, a exceção é “Ironia”. E tão-pouco à toa, o que do *Portugal* de 1910 flagrantemente subsiste em *Mensagem*, conquanto depurado e submetido a laborioso crivo (Pessoa, 2020, p. 240-244; Pessoa, 2022, p. 65-75), é um texto que exalça o poeta-guerreiro como inspirado Homero. “D. Fernando, Infante de Portugal”, cavaleiro de alma imensa, consumido de uma “febre de Além” (Pessoa, 2020, p. 62), radica neste passo:

Deus fez de mim seu gladio... Luctarei
Pela Pátria primeiro, porque cresça
E em beleza
E em puro espírito floresça...
Porque lutar por ti, Pátria? Não sei.
Sei que alheio ao que eu queira ou conheça
Meu braço soerguer para tua glória

Sou cego, mas conduz-me alguém, e leva-me
Ó pátria para teu amôr,
Eu obedeco.
(Barbosa *et al.*, 2020, p. 150).

Na verdade, muito embora convirjam no relevo dado ao transcendente, o *Portugal* de 1910 e *Mensagem* tendem a contrastar. *Mensagem* propõe outro olhar sobre Camões, outra ideia de como ser épico sendo lírico. Mais do que nunca, Pessoa avizinha-se d’*Os Lusíadas* para inventar os seus “anti-*Lusíadas*” (Lourenço, 2007, p. 30). Em *Mensagem*, de que história se ocupa? Daquela de que Camões tra-

tou. Como é que dela se ocupa? Contrapondo ao império político, o místico; à exuberância do discurso que na epopeia envolve a história (exuberância hipertrofiada no *Portugal* de 1910), o silêncio; ao ritmo fluido da narrativa camoniana, o recorte, pausado, de figuras emblemáticas – unidades discretas, dispostas por vaga ordem cronológica.

Numa microescala, a “correção” do “texto precursor” é igualmente gritante. Pessoa resgata, na contramão d’*Os Lusíadas*, personagens que Camões esqueceu.²⁴ Melhor, troca o protagonismo de D. Manuel pelo do Infante D. Henrique, de D. João II e dos seus navegadores. Por exemplo, este rei, associado por Camões ao esforço sem êxito imediato (“Mais do que tentar pode homem terreno / Tentou”... – *Lus.*, IV, 60, 6-7), assume no “livro” de Pessoa proporções colossais (Ramalho, 1992, p. 191-192; Cirurgião, 2020, p. 309); Bartolomeu Dias, só aludido por Adamastor n’*Os Lusíadas* (“Aqui espero tomar, se não me engano, / De quem me descobriu suma vingança” – *Lus.*, V, 44, 1-2), recebe em *Mensagem* o seu “Epitaphio” ou o seu quinhão de glória.

Acima de tudo, Pessoa rejeita ferir a memória daqueles que evoca. D. Duarte não serve de ilustração do tirânico ascendente da fortuna ou do “tempo iroso”, que “assi vai alternando [...] / O bem co mal, o gosto co a tristeza” (*Lus.*, IV, 51, 3-4); volve-se, antes, imagem do “dever” cumprido “contra o Destino” (Pessoa, 2020, p. 61). Com exactidão cirúrgica, mas sem disfarçar as “costuras” (Buescu, 2026, p. 88) que o “jogo intertextual” (Berardinelli, 2000, p. 123) evidencia, Pessoa anula o que n’*Os Lusíadas* perturba a aura de personagens fundadoras: D. Teresa, Afonso Henriques, Afonso de Albuquerque.

²⁴ Recorde-se um apontamento de Pessoa, tirado durante a consulta das *Poesias* de Elpino Duriense: “(Outra vez o Infante D. Henrique, que elle acha que Camões injustamente não cantou) // Aqui chama-lhe ‘O Novo Deus dos Mares’” (Pessoa, 2020, p. 165).

Cleonice Berardinelli ensinou a ver a metamorfose da mãe madrasta, abertamente recriminada no poema de Camões (“Olhai que inda Teresa peca mais!” – *Lus.*, III, 32, 4): D. Tareija é na *Mensagem* “mãe de reis” e “avó de imperios”, impoluta e protectora (Pessoa, 2020, p. 54). Onde Camões (pela voz de Vasco da Gama) reprova um comportamento anómalo (“a mãe, que tão pouco o parecia” – *Lus.*, III, 31, 3), traduzido na vitória do amor “sensual” sobre o “maternal” (*Lus.*, III, 31, 7-8), Pessoa prodigaliza encómios. Quanto a D. Afonso Henriques, longe de ser o príncipe que, ao prender a mãe em ferros, infringe códigos morais e suscita “o castigo” de Deus (*Lus.*, III, 69, 2), resplandece em *Mensagem* como “exemplo inteiro”, fonte de “inteira força” (Pessoa, 2020, p. 55).

Sintomática é, ainda, a mudança introduzida no retrato de Afonso de Albuquerque. O Albuquerque de *Mensagem* não é o cadáver nem o espectro fantasiados por Mário Beirão em *Lusitania* (1917, p. 118), nem sequer o injustiçado que Pessoa começou por moldar num poema de que *in extremis* prescindiu (Pessoa, 2020, p. 136).²⁵ O Albuquerque de *Mensagem* é o conquistador que vê, “de alto assento, / O baxo trato embaraçado” (*Lus.*, VI, 99, 3-4); o herói que despreza a cobiça. Não há nenhum erro a diminuí-lo, nenhuma falha que se lhe assaque – o oposto do que sucede n’*Os Lusíadas*, onde, com implacável rigor, se recorda “ũa ira que o condena, / Posto que a fama sua o mundo cerque.” (*Lus.*, X, 45, 3-4).

Convirá comparar o debate em torno da história (sua concepção, sua didáctica e divulgação), ao qual n’*A Águia* exortou Jaime Cortesão (Cortesão, 1912, p. 73-78), e o rumo de *Mensagem*. Um ponto é

²⁵ Nesta versão preterida, ressoam versos de Camões. Compare-se “Milhor é merecê-los sem os ter, / Que possuí-los sem os merecer.” (Camões, 1989, p. 246); “Mais vale o Imperio do que a gloria, e mais / Que a gratidão o merecel-a” (Pessoa, 2020, p. 136).

indesmentível: Pessoa limpa “noda(s) negra(s) e feia(s)” que Luís de Camões não abdica de espalhar em “fama alva” (*Lus.*, X, 47, 8).

SILÊNCIO QUE FALA

Pessoa nada fez para dissimular a intertextualidade que vincula *Mensagem* a *Os Lusíadas*, e, melhor que ninguém, teria consciência de quão insensata e inútil seria qualquer ocultação desse teor. Nem a sua obra a tolerava nem o público da primeira metade do século XX a consentiria.

Nada mais natural, para os leitores coevos de Pessoa, do que relacioná-lo com Camões. Entre as recensões difundidas (Blanco, 1988, p. 69-74), a de Eugénio Navarro culminava assim: “O seu poema é, sob êste aspecto, um novo *Lusíadas*, um poema como escreveria Luiz de Camões se vivesse, em carne, nesta hora de esperança.” No círculo íntimo de Pessoa, Helena Teixeira Rebelo (isto é, Signa), com vinte e três anos de idade, havia já agradecido ao padrinho “the honour of a copy of his wonderful poems”, num cartão que ornamentou heraldicamente: um escudo com as quinas e uma lira, encimados por uma coroa de louros. Em quatro versos – dois, preenchidos pela citação d’*Os Lusíadas* – condensava as suas felicitações: “Cesse tudo o que a Musa antigua canta, / Que outro valor mais alto se alevanta.’ E quem à Patria novo canto entôa, / O grande poeta Fernando Pessôa!” (Pessoa, 2020, p. 228). A mãe de Helena secundou-a no seu regozijo: “you are a Genius indeed: we have always thought so, but now we have patent evidence – Signa thinks that Camões, if he were to write his *Lusiadas* today, it would have been something like what you have written, and I quite agree with her” (Pessoa, 2020, p. 227).

No horizonte de todos, vive Camões *sem fim*. Para Navarro ou para estas admiradoras, ser um novo Camões (“if he were to write his *Lusiadas* today”... “um poema como escreveria Luiz de Camões se vivesse”...) ou ser um “valor” que “mais alto se alevanta”, não consti-

tuía uma questão. Bastava-lhes o consolo ou a alegria da continuidade confirmada. Para Pessoa, nada se reduzia decerto a uma nuance. Calar o nome do poeta precursor, enquanto com ele cultivava um intensíssimo e crítico diálogo, talvez haja sido, mais do que um assomo de angústia ou mais do que uma recusa da redundância (Gagliardi, 2014, p. 85), a expressão suprema e orgulhosa da promessa feita em 1912.

RECEBIDO: 08/08/2026

APROVADO: 14/08/2026

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, Dante. *Divina Comédia*. Tradução de Jorge Vaz de Carvalho. Lisboa: INCM, 2021.

BARBOSA, Nicolás; PIZARRO, Jerónimo; PITTELLA, Carlos; SOUSA, Rui. *Portugal*, o primeiro aviso de *Mensagem*: 106 documentos inéditos. *Pessoa Plural*, Providence, n. 17, p. 76-229, primavera 2020.

BEIRÃO, Mário, *Lusitania*. Porto: Renascença Portuguesa, 1917.

BELCHIOR, Maria de Lourdes. Fernando Pessoa e Luís de Camões: Heróis e mitos n'Os *Lusíadas* e na *Mensagem*. *Persona*, Porto, n. 5, p. 3-8, abr. 1981.

BERARDINELLI, Cleonice. *Os Lusíadas e Mensagem*: um Jogo Intertextual. In: BERARDINELLI, Cleonice. *Estudos Camonianos*. Nova edição revista e ampliada,. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000. p. 123-148.

BESSA-LUÍS, Agustina. “Menina e Moça” e a teoria do inacabado. In: BESSA-LUÍS, Agustina. *Contemplação carinhosa da angústia*. Selecção e introdução de Pedro Mexia. Lisboa: Guimarães Editores, 2000. p. 77-93.

BLANCO, José. A *Mensagem* e a crítica do seu tempo. In: LOURENÇO, Eduardo; OLIVEIRA, António Braz de (coord.). *Fernando Pessoa no seu tempo*. Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros/Secretaria de Estado da Cultura/Biblioteca Nacional, 1988. p. 69-74.

BLOOM, Harold. *A angústia da influência*. Uma teoria da poesia. Tradução de Miguel Tamen. Lisboa: Cotovia, 1991.

BOTHE, Pauly Ellen. *Apreciações literárias de Fernando Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013.

BUESCU, Helena Carvalhão. *Camões, poeta herói n'Os Lusíadas*. Lisboa: Tinta da China, 2026.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Leitura, prefácio e notas de Álvaro Júlio da Costa Pimpão. Apresentação de Aníbal Pinto de Castro. 2. ed. Lisboa: Ministério da Educação, 1989.

CAMÕES, Luís de. *Rimas*. Texto estabelecido, revisto e prefaciado por Álvaro J. da Costa Pimpão. Apresentação de Aníbal Pinto de Castro. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

CARTA de Coimbra. A litteratura e o futuro. *O Dia*, p. 1, 24 abr. 1912.

CENTENO, Yvette. *Fernando Pessoa e a filosofia hermética*. Fragmentos do espólio. Lisboa: Editorial Presença, 1985a.

CENTENO, Yvette. K. Símbolo e iniciação. In: CENTENO, Yvette. K.. *Fernando Pessoa: o amor, a morte, a iniciação*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1985b. p. 69-78.

CIRURGIÃO, António. Breve guia de leitura de *Mensagem*. In: PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta da China, 2020. p. 289-336.

COELHO, Adolfo. Portugal Intellectual. Inquérito á vida literária. O snr. dr. Adolfo Coelho diz que não temos direito a saudar a aurora de um verdadeiro renascimento literário. *Republica*, p. 1-2, 16 set. 1912.

COELHO, Jacinto do Prado. D"Os Lusíadas" à "Mensagem". In: *Camões e Pessoa. Poetas da utopia*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1983. p. 105-110.

CORTESÃO, Jaime. A Renascença Portuguesa e o ensino da história pátria. *A Águia*, Porto, série 2, n. 9, p. 73-78, set. 1912.

CRASBEECK, Lourenço. A Dom João d'Almeida, do Conselho del Rei Nosso Senhor. In: OS LVSIADAS de Lvys de Camo s. Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1626.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem Studies. *Poetics Today*, v. 11, n. 1, p. 9-44, primavera 1990.

FEIJÓ, António Maria. *Uma admiração pastoril pelo diabo (Pessoa e Pascoaes)*. Lisboa: INCM, 2015.

FERRO, António. Os Modernistas. Historia da hora camoneana segundo Antonio Ferro. *Diario de Lisboa*, Lisboa, p. 12, 4 fev. 1924.

GAGLIARDI, Caio. Mário Beirão e Fernando Pessoa: *Lusitânia* intertexto de *Mensagem*. *Pessoa Plural*, Providence, n. 5, p. 70-87, primavera 2014.

GUIMARÃES, Fernando. A invenção do autor. In: LOURENÇO, Eduardo; OLIVEIRA, António Braz de (coord.). *Fernando Pessoa no seu tempo*. Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros/Secretaria de Estado da Cultura/Biblioteca Nacional, 1988. p. 59-66.

LOPES, Teresa Rita (coord.). *Pessoa inédito*. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.

LOURENÇO, António Apolinário. Do supra-Camões a Camões: ecos camonianos na *Mensagem* de Fernando Pessoa. In: PEREIRA, Seabra; FERRO, Manuel (coord.). *Actas da VI Reunião Internacional de Camonistas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012. p. 559-565.

LOURENÇO, Eduardo. Pessoa e Camões. In: LOURENÇO, Eduardo. *Poesia e metafísica*. Camões, Antero, Pessoa. Lisboa: Sá da Costa, 1983. p. 245-261.

LOURENÇO, Eduardo. Pessoa e Portugal e Portugal e Pessoa. In: DIX, Steffen; PIZARRO, Jerónimo (org.). *A arca de Pessoa*. Lisboa: ICS, 2007. p. 27-31.

MACEDO, Helder. A *Mensagem* e as mensagens de Oliveira Martins e de Guerra Junqueiro. In: PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta da China, 2020. p. 348-367.

MARRONE, Rita Catania. *Os livros ocultos de Fernando Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2025.

MARTINHO, Fernando J. B.. Supra-Camões. In: MARTINS, Fernando Cabral (coord.). *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Alfragide: Caminho, 2008. p. 832-833.

MARTINS, Alves. As nossas entrevistas. O escritor Fernando Pessoa expõe-nos as suas ideias sobre os varios aspectos da arte e da literatura portuguesas. *Revista Portuguesa*, Lisboa, p. 17-22, 13 out. 1923.

MARTINS, Fernando Cabral. Inquérito Literário. In: MARTINS, Fernando Cabral (coord.). *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Alfragide: Caminho, 2008. p. 357.

MODERN!SMO ARQUIVO VIRTUAL DA GERAÇÃO ORPHEU, Portugal, [2020?]. Disponível em: www.modernismo.pt. Acesso em: 18 ago. 2026.

OLIVEIRA, Paulo Motta. Águia, A. In: MARTINS, Fernando Cabral (coord.). *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Alfragide: Caminho, 2008. p. 27-32.

PASCOAES, Teixeira de. Camões. *A Águia*, Porto, série 2, n. 6, p. 173, junho 1912.

PÁTRIA imortal! Luiz de Camões glorificado pelos poetas da nossa terra. *Diário de Lisboa*, Lisboa, p. 3, 4 fev. 1924.

PATRÍCIO, Rita. *Episódios. Da teorização estética em Fernando Pessoa*. Braga: Húmus/Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, 2012.

PATRÍCIO, Rita. Shakespeare e Pessoa. In: PIZARRO, Jerónimo (org.). *Fernando Pessoa: o guardador de papéis*. Alfragide: Texto Editores, 2009. p. 83-99.

PESSOA, Fernando. [Camões é Os Lusíadas]. *Diário de Lisboa*, Lisboa, p. 3, 4 fev. 1924.

PESSOA, Fernando. A nova poesia portuguesa no seu aspecto psychologico. *A Águia*, Porto, série 2, n. 9, p. 86-94, set. 1912a.

PESSOA, Fernando. A nova poesia portuguesa no seu aspecto psychologico. *A Águia*, Porto, série 2, n. 11, p. 153-157, nov. de 1912b.

PESSOA, Fernando. A nova poesia portuguesa no seu aspecto psychologico. *A Águia*, Porto, série 2, n. 12, p. 188-192, dez. 1912c.

PESSOA, Fernando. A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada. *A Águia*, Porto, série 2, n. 4, p. 101-107, abr. 1912d.

PESSOA, Fernando. *A poesia epica*. BNP/E3, 14C-64-64v.

PESSOA, Fernando. *Camoens*. BNP/E3, 14B-53.

PESSOA, Fernando. *Camões*. BNP/E3, 14B-48-50v.

PESSOA, Fernando. *Camões, e a superstição camoneana*. BNP/E3, 14B-51-52v.

PESSOA, Fernando. *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*. Prefácio, posfácio e notas do destinatário. 2. ed. Lisboa: INCM/Centro de Estudos Pessoaanos, 1982.

PESSOA, Fernando. *Correspondência. 1905-1922*. Edição de Manuela Parreira da Silva, Lisboa: Assírio & Alvim, 1999a.

PESSOA, Fernando. *Correspondência. 1923-1935*. Edição de Manuela Parreira da Silva, Lisboa: Assírio & Alvim, 1999b.

PESSOA, Fernando. *Epic poetry*. BNP/E3, 14¹-91.

PESSOA, Fernando. *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*. Edição e posfácio: Richard Zenith. 2. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 2014.

PESSOA, Fernando. *Escritos íntimos, cartas e páginas autobiográficas*. Introdução, organização e notas de António Quadros, Mem Martins: Publicações Europa-América, [19--a].

PESSOA, Fernando. *Luiz de Camões, poeta...* BNP/E3, 14B-47.

PESSOA, Fernando. Mar Portuguez. *Contemporanea*, Lisboa, n. 4, p. 9-14, 1922.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Edição de Jerónimo Pizarro, Lisboa: Tinta da China, 2020.

PESSOA, Fernando. *Milton*. BNP/E3, 14C-85-85v.

PESSOA, Fernando. *O aviador*. BNP/E3, 14²-2-4.

PESSOA, Fernando. O mais belo livro. Um inquérito de intelectuais. *Republica*, p. 1, 7 abr. 1914.

PESSOA, Fernando. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática, [19--b].

PESSOA, Fernando. *Poemas mais publicados em vida*. Organização, introdução e notas: Rodrigo Xavier, Raquel Madanêlo e Roberto Menezes. Campinas: Pontes Editores, 2022.

PESSOA, Fernando. *Reincidindo...* BNP/E3, 103-21-31.

PESSOA, Fernando. Reincidindo.... *A Águia*, Porto, série 2, n. 5, p. 137-144, maio 1912e.

PESSOA, Fernando. *Sobre Camões*. BNP/E3, 14B-46.

PESSOA, Fernando. Tábua bibliográfica. *Presença*, Coimbra, n. 17, p. 250, dez. 1928.

PIRES, António Manuel Machado. *Os Lusíadas de Camões e a Mensagem de Pessoa*. *Persona*, Porto, n. 4, p. 43-51, jan. 1981.

PITTELLA, Carlos; PIZARRO, Jerónimo. *Como Fernando Pessoa pode mudar a sua vida*. Primeiras lições. Lisboa: Tinta da China, 2017.

PULIDO, Garcia. *Rompendo fogo... (A Renascença e o Inquérito)*. Coimbra: Livraria Neves-Editora, 1912 [CFP 8-457; <https://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt>].

RAMALHO, Américo da Costa. Sobre “O Mostrengo” de Fernando Pessoa. In: RAMALHO, Américo da Costa. *Camões no seu tempo e no nosso*. Coimbra: Almedina, 1992. p. 187-197.

SERRÃO, Pedro Manuel Marques. *Fernando Pessoa: controvérsias literárias e modos de engrandecimento na República das Letras*. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2014.

XAVIER, Rodrigo. Fernando Pessoa assombrado por Camões. *Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro, v. 36, n. especial 2, p. 232-259, 2025.

ZENITH, Richard. *Pessoa. Uma biografia*. Lisboa: Quetzal, 2022.

MINICURRÍCULO

ISABEL ALMEIDA é docente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde se doutorou, com uma tese intitulada *Livros portugueses de cavalaria, do Renascimento ao Maneirismo* (1999). Tem privilegiado, como área de investigação, a Literatura Portuguesa dos séculos XVI e XVII, sem descuidar as estreitas relações que a aproximam do universo cultural ibérico e italiano. Trabalhos sobre Gil Vicente, Camões, Fernão Mendes Pinto, Jorge Ferreira de Vasconcelos, Francisco de Holanda ou o P.^e António Vieira encontram-se publicados em revistas ou volumes coletivos. Membro integrado do Centro de Estudos Clássicos (UL), é também sócia de instituições como a Academia das Ciências de Lisboa e o Real Gabinete Português de Leitura. Fez parte da Estrutura de Missão para as Comemorações dos 500 anos de Camões.